

**Acontecimento enunciativo e temporalidade:  
análise de um texto publicitário<sup>1</sup>**

---

Évènement énonciative et temporalité: analyse d'un texte publicitaire

**Carolina de Paula MACHADO\***

UEHPOSOL/DL/UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCAR/BRASIL

**RESUMO**

Neste artigo, objetivamos compreender como se constituem os sentidos de um texto publicitário que traz informações sobre a vida pessoal e literária do escritor Machado de Assis para comemorar o aniversário de um banco, questionando o porquê de o locutor publicitário trazer essas informações. Para isso, realizamos uma reflexão sobre a questão do tempo na noção de enunciação, e usamos como suporte teórico a Semântica do Acontecimento. O passado (memorável) mobilizado sobre a vida do escritor é compreendido quando o relacionamento ao presente e ao futuro do acontecimento de enunciação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sentido. Tempo. Acontecimento Enunciativo.

---

<sup>1</sup> Este artigo é uma versão do texto que foi originalmente apresentado no III Encontro Regional do Gelco-Grupo de estudos da linguagem do Centro-Oeste, realizado em setembro de 2013.

\*Sobre a autora ver página 212.

### RÉSUMÉ

*Dans cet article, nous objectivons comprendre comment se constituent les sens d'un texte publicitaire qu'amène des informations sur la vie personnelle et littéraire d'écrivain brésilien Machado de Assis afin de célébrer l'anniversaire d'une banque. Nous nous interrogeons pourquoi le locuteur publicitaire amène ces genres d'informations. Pour cela, nous avons mené une réflexion sur la question du temps dans la notion d'énonciation et nous avons utilisé comme outil théorique la Sémantique de l'évènement. Le passé (le mémorable) qui est mobilisé dans la vie d'écrivain peut être compris quand nous relationnons le présent et le futur d'évènement de l'énonciation.*

*MOTS-CLÉS: Sens. Temps. Évènement énonciative.*

No acontecimento enunciativo, um dos elementos fundamentais da sua caracterização para constituir o sentido, além do sujeito, do real e do político, é a história. O modo como a história interessa para essa posição difere do modo como ela é vista geralmente, isto é, como uma sequência de fatos ordenada cronologicamente. Pretendemos com isso abordar a historicidade do acontecimento enunciativo através da noção de temporalidade na constituição dos sentidos nos textos, buscando diferenciar esta temporalidade do modo como Benveniste trata o tempo.

Tomamos, como lugar de observação, enunciados de um texto publicitário impresso a partir da noção de texto de Guimarães (2011, p. 19), que o define como “uma unidade de sentido que integra enunciados no acontecimento de enunciação”. Nessa análise, como veremos, a temporalidade é fundamental para a relação entre os enunciados, isto é, para a textualidade, para a constituição dos sentidos no texto.

## 1 O tempo presente e a subjetividade

Uma vez que nosso olhar é para a língua em funcionamento, iniciamos nossa reflexão sobre o tempo com Benveniste (1989) que, como sabemos, tem a subjetividade como preocupação em sua teorização sobre a enunciação. No entanto, não apenas a categoria de pessoa expressando a subjetividade é tratada por ele, mas também uma outra categoria linguística relevante é discutida : a categoria de tempo.

Ele afirma que os pronomes são as formas linguísticas usadas para que o homem se represente na linguagem. Estas formas são formas vazias, preenchidas somente no discurso<sup>2</sup> o que coloca a importância da enunciação para a estrutura da língua. Segundo o autor, quando o eu assume *eu*, “ele realiza a cada vez um ato *novo*, ainda que repetido mil vezes, porque ele realiza a cada vez uma inserção do locutor num *momento novo no tempo* e numa textura diferente de circunstâncias e de discursos.” (BENVENISTE, 1989, p. 68).

Segundo o autor, o tempo tem representações muito distintas e a língua tem um modo particular de conceituar o tempo. O sistema temporal da língua não reproduz o tempo objetivo pois ela não é um *decalque* da realidade: “As línguas não nos oferecem de fato senão construções diversas do real, e é talvez justamente no modo pelo qual elas elaboram um sistema temporal complexo que elas são mais divergentes” (BENVENISTE, 1989, p. 70).

Antes de apresentar o *tempo específico da língua* ele apresenta duas noções distintas de tempo. A primeira noção é a de tempo físico do mundo, definido como “um contínuo uniforme, infinito, linear, segmentável à vontade” (BENVENISTE, 1989, p. 71). No interior desse tempo ele mostra que há o tempo crônico, “que é o tempo dos acontecimentos, que engloba também nossa própria vida enquanto *sequência de acontecimentos*” (BENVENISTE, 1989, p. 71).

Através do tempo crônico é possível que o observador percorra, do passado ao presente ou do presente ao passado, os acontecimentos realizados diferenciando-se assim do tempo vivido que corre ininterruptamente, que não permite que retornemos a nossa infância, por exemplo.

A questão é que o tempo crônico é determinado pelos acontecimentos. Neste tempo, “é a continuidade em que se dispõem em série estes blocos distintos que são os acontecimentos. Porque os acontecimentos não são o tempo, eles estão no tempo.” (BENVENISTE, 1989, p. 71).

---

<sup>2</sup> O discurso é entendido nesse contexto como o exercício da língua.

Por fim, ele passa a tratar do tempo linguístico. A nossa percepção do tempo, isto é, *a experiência humana do tempo* manifesta-se pela língua e isso significa colocar ou situar o acontecimento no tempo linguístico o que, para ele, é diferente de situar o acontecimento formando o tempo crônico.

E qual é essa diferença? Trata-se da questão da enunciação: o tempo linguístico depende do funcionamento da fala, do discurso, do *tempo presente da instância da fala*.

Cada vez que um locutor emprega a forma gramatical do “presente” (ou uma forma equivalente), ele situa o acontecimento como contemporâneo da instância do discurso que o menciona. (BENVENISTE, 1989, p. 74-75)

O tempo presente, que é o presente linguístico, destacado por Benveniste, é o presente do exercício da fala, do discurso, que se estabelece quando o locutor emprega a língua. É o locutor, centro da enunciação, que “situa como presente tudo que aí está implicado em virtude da forma linguística que ele emprega” (BENVENISTE, 1989, p. 75). É esse presente da enunciação que determina o que foi e o que ainda não é:

Este presente que se desloca com a progressão do discurso, permanecendo presente, constitui a linha de separação entre dois outros momentos engendrados por ele e que são igualmente inerentes ao exercício da fala: o momento em que o acontecimento não é mais contemporâneo do discurso, deixa de ser presente e deve ser evocado pela memória, e o momento em que o acontecimento não é ainda presente, virá a sê-lo e se manifesta em prospecção (BENVENISTE, 1989, p. 75).

No tempo linguístico, não é o acontecimento (fato) que determina o tempo, mas a enunciação é que o determina, no caso, o tempo presente. Para Benveniste só existe o tempo presente na linguagem, pois a coincidência entre acontecimento e o exercício da fala explicitam o presente. Os tempos passado e futuro não estão, segundo ele, *no mesmo nível do tempo presente*, são determinados a partir do tempo presente que é da instância do discurso.

Outra coisa para a qual ele chama a atenção tem a ver com a questão da intersubjetividade. O tempo presente não é um tempo que pertence apenas ao locutor, ao ato de fala individual. A temporalidade que organiza o discurso do locutor também se coloca para o interlocutor tornando-se sua também, sendo a intersubjetividade condição para a comunicação linguística.

Entendemos então que, para Benveniste, como já havia destacado Guimarães (1989), a enunciação é irrepetível, sempre nova, uma vez que o presente é o presente do ato de fala, do exercício de fala, e a cada vez que se realiza este ato ele é situado em um novo tempo presente.

Não considerando a centralidade do sujeito que situa o presente quando fala, tempo este que é para ele o único tempo *inerente à língua*, como então pensar o tempo na enunciação? A Semântica do Acontecimento, posição teórica que assumiremos para realizar esta análise, vai tratar dessa questão.

## 2 A Enunciação como Acontecimento e a temporalidade

Guimarães considera a relação entre enunciação e acontecimento em relação à história, à memória, sem tratar o tempo de forma cronológica, isto é, como sequência de fatos ordenados no tempo e nem o sujeito como responsável e centro da enunciação.

Guimarães (1989), a partir das reflexões feitas em torno das definições de enunciação de Benveniste e Ducrot, entre outras, elabora um outro conceito de enunciação como: “acontecimento sócio-histórico da produção do enunciado. Deste modo a enunciação não é um ato individual do sujeito, não sendo também irrepetível” (GUIMARÃES, 1989, p. 78-79).

Chegamos então ao ponto da não irrepetibilidade da enunciação e da não centralidade do sujeito tal como pensava Benveniste. Para explicar melhor o conceito, Guimarães dá como exemplo o funcionamento de enunciados como (1) *Vou acessar a memória do meu PC* em que *acessar* difere do sentido de *ter acesso*. Essa formação do verbo *acessar* no enunciado

(1), e não a formação com o verbo *ter*, está relacionada ao social e ao histórico, pois aparece na língua portuguesa por causa do surgimento dos computadores e do discurso de usuários de computadores. Assim, *Vou acessar a memória do meu PC* existe não por um ato individual, mas por estar relacionado a condições histórico-sociais do surgimento do computador.

Assim, o tempo está relacionado à maneira como o passado é visto, isto é, como historicidade que atua na constituição dos sentidos. Com isso, mesmo a enunciação sendo irrepetível, porque o presente do acontecimento não se repete, há o histórico no acontecimento enunciativo que é retomado, ressignificado.

Guimarães (2002) especifica mais precisamente a temporalidade no acontecimento enunciativo. Segundo ele,

algo é acontecimento enquanto diferença na sua própria ordem. E o que caracteriza a diferença é que o acontecimento não é um fato no tempo. Ou seja, não é um fato novo enquanto distinto de qualquer outro ocorrido antes no tempo. O que o caracteriza como diferença é que o acontecimetno temporaliza. Ele não está no presente de um antes e um depois no tempo. O acontecimento instala sua própria temporalidade: essa é a sua diferença (GUIMARÃES, 2002, p. 11-12).

É o acontecimento enunciativo que define a temporalidade, não o sujeito. Não se trata de pensar um acontecimento no tempo, ordenado de forma sequencial. O acontecimento determina o que é retomado do passado, o que é presente e define o futuro. E o presente e o futuro só significam porque há um passado que *os faz significar*.

O passado é entendido não como um ponto no tempo mas como uma memória, denominada *memorável*, como o já dito que é recortado pelo presente da enunciação. Não interessa apenas “quando” um fato se deu, mas o que ele significa em relação à história, ao político, e ao social para compreendermos o presente da enunciação e projetarmos uma interpretação. O memorável é selecionado, ou melhor, *recortado* pelo acontecimento de enunciação, havendo uma *rememoração de enunciações*.

As seguintes questões se colocam:

1. Como se dá a rememoração no acontecimento de enunciação?
2. Como o que é rememorado pelo presente do acontecimento enunciativo atua na produção de uma futuridade?

Se consideramos os níveis de tempo descritos por Benveniste, o acontecimento nunca vai se repetir no mesmo ponto do tempo, sendo, desse ponto de vista, irrepitível. Mas, considerando o tempo em sua historicidade, o conceito de memorável, há algo na enunciação que já foi dito e que constitui o dizer, sendo, portanto, repetido mesmo que ressignificado pelo presente da enunciação. O passado é constitutivo do sentido.

Mas esse passado é ressignificado no presente do acontecimento e significa pela relação que tem com o futuro do acontecimento, isto é, além da dos sentidos do memorável há também a interpretação, a futuridade. Então, além da rememoração, o acontecimento enunciativo tal como é definido por Guimarães (2002) tem como característica uma abertura, o lugar da possibilidade, da polissemia, que é a futuridade. Se passado é pensado como memorável, ou seja, algo já dito, o futuro é o tempo que possibilita o que se está por dizer, o que pode ser dito, mas a partir do passado e do presente do acontecimento.

É, portanto, a partir da visão de tempo como memorável e, desse modo, como historicidade, e do futuro como lugar de possibilidades de interpretação, que vamos realizar uma análise dos sentidos de um texto publicitário.

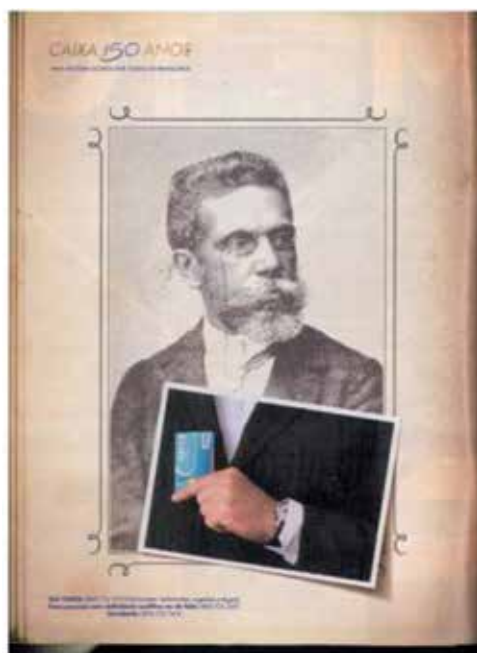
### **3 Análise**

Analisaremos uma publicidade impressa com o objetivo de compreender os sentidos da propaganda que circulou na revista **Veja**, edição de 21 de setembro de 2011 data que situa no tempo crônico a propaganda analisada, remetendo ao aniversário de 150 anos do banco *Caixa Econômica Federal*. O aniversário de 150 anos nunca mais vai se

repetir, só acontece uma vez na linha do tempo, assim como a circulação da propaganda ocorre apenas uma vez nessa data.

Considerando a historicidade do acontecimento enunciativo, quais e como se constituem os sentidos da publicidade levando em conta o memorável? As informações trazidas sobre o escritor Machado de Assis servem para informar os leitores sobre a vida desse escritor?

Vejamos então a publicidade que ocupava duas páginas da revista:



**Figura 1** – “Machado de Assis” - Caixa 150 anos  
Uma história escrita por todos os brasileiros.





**Figura 2** – “Machado de Assis” - Caixa 150 anos  
Uma história escrita por todos os brasileiros.

Reproduzimos em seguida o texto da publicidade:

**“Pensar no futuro é algo tão importante que até os imortais fazem isso.**

Machado de Assis, dono da caderneta de poupança de número 14 304, foi o maior escritor brasileiro de todos os tempos, além de fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras. Sua história com a CAIXA teve vários capítulos, tanto em sua obra quanto em sua vida. Além disso, Machado de Assis citou a CAIXA em seu testamento.”

Vamos aqui nos ater à linguagem verbal. Como dissemos anteriormente, a propaganda se configura como um texto, uma unidade de sentido heterogênea em sua materialidade em que linguagem verbal e imagens se combinam na produção dos sentidos. Os enunciados e a imagem<sup>3</sup> integram o texto que se configura como uma publicidade. No

<sup>3</sup> A imagem da publicidade sobrepõe à imagem de busto do escritor Machado de Assis uma imagem

acontecimento enunciativo da propaganda, é mobilizada a imagem de Machado de Assis, tanto como signo imagético quanto a imagem que o locutor faz do escritor.

O Locutor fala do lugar social de publicitário e fala do lugar do banco. Pelo menos dois memoráveis distintos são mobilizados para designar Machado de Assis, determinando sentidos para ele. Por um lado, há enunciados que predicam o escritor e rememoram enunciações relativas à vida de escritor, e os parafraseamos abaixo:

1. Machado de Assis foi o *maior escritor de todos os tempos*.

2. Machado de Assis foi *fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de letras*.

Neste caso, o Locutor fala como um enunciador genérico ao trazer informações sobre o escritor como se fosse algo que todos dizem e conhecem, e as predicacões determinam sentidos para Machado de Assis, relacionados à literatura.

Mas além desses sentidos, outros trazidos como acréscimo são rememorados para designar Machado, os quais parafraseamos abaixo:

3. Machado de Assis foi dono da caderneta de poupança de número 14.304.

4. A história de Machado de Assis com a CAIXA teve vários capítulos tanto em sua obra quanto em sua vida.

5. Machado de Assis citou a CAIXA em seu testamento.

Nesse segundo conjunto de enunciados, nos de número 3 e 5, o Locutor mobiliza um memorável sobre a relação do escritor com o banco, (enunciador individual), como um acréscimo de informações (conjunção *além*), que parece que são dadas porque presume-se que sejam desconhecidas para os leitores.

---

de uma mão segurando um cartão magnético do Banco. Esta sobreposição de passado e futuro pode ser vista como anacrônica, considerando-se que na época de Machado não havia cartões magnéticos, mas significa-o como alguém que poupa e que por isso pensa no futuro pela relação com os enunciados verbais do acontecimento enunciativo, e desse modo, produz sentidos não anacrônicos.

A partir desses dois conjuntos de enunciados, dos quais os predicados determinam sentidos para o escritor estabelecendo uma designação<sup>4</sup> para ele através de reescrituras que o definem, temos, por um lado, uma rememoração feita do lugar da história da literatura brasileira e, de outro, uma rememoração do lugar da história pessoal de Machado de Assis, que se mistura com a história do banco.

Embora o segundo conjunto de enunciações não seja de conhecimento geral, os enunciados misturam-se com a história do escritor, como se fossem de conhecimento de todos, como algo que todos dizem.

Desse modo, nessa sobreposição, o memorável do banco é diluído e confunde-se com o memorável da história da literatura que se imagina que, se não todos os leitores, mas uma grande parte, conheça.

O locutor-publicitário explicita e materializa as enunciações rememoradas através dos enunciados e, também, já impõe ao leitor outro conhecimento rememorado: que o escritor tinha conta na Caixa e a citou em seu testamento.

Por que os memoráveis são trazidos na propaganda? E por que o memorável sobre a história do escritor confunde-se com o memorável da história pessoal? Seria para informar o leitor?

Parece que a resposta diz respeito ao tempo futuro, à futuridade do acontecimento enunciativo. A partir dos enunciados em questão, projetam-se interpretações possíveis a partir dos memoráveis recortados no presente da enunciação.

Como parte do presente do acontecimento, temos um enunciado que organiza o memorável para produzir o sentido, é o enunciado *Pensar no futuro é algo tão importante que até os imortais fazem isso*.

*Imortais* é uma palavra que reescreve e determina o sentido de Machado de Assis. Por outro lado, a expressão *pensar no futuro* poderia ser substituída por uma paráfrase como *abrir uma caderneta de poupança na caixa*. Partindo desse enunciado que é sustentado pelo memorável<sup>5</sup> sobre a vida

<sup>4</sup> Guimarães define a designação como “uma relação linguística de sentido enquanto exposta ao real. Deste modo, esta relação linguística é uma relação tomada na história” (2007, p. 81).

<sup>5</sup> Schreiber da Silva (2009) no texto “Argumentação, memória e o político no texto jurídico: a representação no modo de enunciação demonstrativa” faz uma análise de um processo jurídico

peçoal e a vida de escritor, podemos parafrasear o título *Pensar no futuro é tão importante que até os imortais fazem isso* por:

6. Abrir uma caderneta de poupança na Caixa é tão importante que até Machado de Assis fez isso.

Os enunciados que designam Machado de Assis na literatura, sustentados pelo memorável sobre a vida literária de Machado, funcionam então, no presente da enunciação, como argumentos que orientam os leitores para uma certa interpretação que é o futuro do acontecimento, que pode ser parafraseada por um enunciado como:

7. Abra uma conta na Caixa

ou então

6. Se até Machado de Assis abriu uma conta na Caixa, você, leitor, um simples mortal, também deve abrir<sup>6</sup>.

### Considerações finais

O acontecimento de enunciação tal como é definido no interior da Semântica do Acontecimento desloca a questão do sujeito e da temporalidade. O sujeito é dividido e essa divisão determina sentidos distintos na enunciação.

No caso da temporalidade, tratar o passado não como pontos numa linha do tempo, mas como memorável, em relação ao presente do acontecimento e ao futuro (possíveis interpretações), possibilita a interpretação da propaganda de maneira mais ampla, não conteudista, desviando-nos de pensar que o texto apenas dá informações sobre o escritor.

Político por definição, o acontecimento de enunciação rememora distintos memoráveis, remete a historicidades distintas sobre Machado

em que mostra como o memorável da lei recortado no acontecimento de enunciação sustenta o argumento.

<sup>6</sup> Um outro sentido que se tem é o da confiabilidade no Banco, mas optamos por não explorá-lo nessa análise.

de Assis, uma relacionada ao banco e outra à sua história como escritor, à literatura, que se confrontam para a construção da argumentação.

Segundo Schreiber da Silva, “dizer que a enunciação é histórica, (...) tem a ver com o modo como se recorta a memória no rememorado da enunciação”(2009, p. 138), além disso, para a autora o memorável sustenta a argumentação.

Outro ponto importante dessa noção é que ela trata também do tempo futuro, não numa sequência temporal linear, mas como possibilidade de interpretação. Isso permite que cheguemos a diferentes interpretações como vimos na propaganda da Caixa.

Como vimos, a relação entre os tempos é essencial no acontecimento para a articulação dos enunciados para a constituição dos sentidos, contribuindo para a produção da textualidade. Os sentidos são constituídos na relação entre o presente da enunciação que direciona o que vai ser recortado do passado, direcionando assim também a futuridade do texto.

## REFERÊNCIAS

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas, SP: Pontes, 1989. Edição Original: 1969

GUIMARÃES, E. **Análise de Texto: Procedimentos, Análises, Ensino**. Campinas, SP: Editora RG, 2011.

GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação**. Campinas, SP: Pontes, 2002.

GUIMARÃES, E. Enunciação e História. In: \_\_\_\_\_. (Org). **História e sentido na Linguagem**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

SCHREIBER DA SILVA, S. M. Argumentação, Memória e o Político no texto jurídico: a representação no modo de enunciação demonstrativa. **Cadernos de Estudos Linguísticos. Universidade Estadual de Campinas**. Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, n. 51, v. 1, p.133-139, jan./jun., 2009.

REVISTA VEJA. São Paulo: Editora Abril, 21 de setembro de 2011.

*Recebido em abril de 2015.*

*Aceito em maio de 2015.*

## **SOBRE A AUTORA**

**Carolina de Paula Machado** é docente do departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos e pesquisadora da Unidade de estudos históricos, políticos e sociais da linguagem (UEHPOSOL). Possui Doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2011), tendo realizado um estágio doutoral na École Normale Supérieure Lettres et Sciences Humaines de Lyon (ENS-LSH), França.  
E-mail: carolinapmac@gmail.com